1,50

março 70 nº 5

O COMUNISTA

EDITORIAL

A burguesia continua afanosamente o seu trabalho de adaptação a um novo estilo de exploração mais evoluído: aumento de salários e assistência social para algumas categorias de trabalhadores essenciais à manutenção do actual estado de coisas (metalurgia, campesinato e funcionalismo público), intensificação das relações com o capitalismo Internacional (1), adaptação da Universidade às necessidades do Capitalismo Português, "liberalisação" política (2), e intolerância em relação aos militantes que escolhem uma prática anti-reformista.

Ora perante este ascendente e assentar do regime Marcelista, qual é a resposta da "Oposição"? Depois de um período eleitoral em que passaram a vida a convencer as pessoas que alguma coisa iria mudar, que se iria ganhar, etc., não descobriram outra saída para canalisar o entusiasmo e a frustração de milhões de trabalhadores, se não a formação do "Movimento de Oposição Democrática"!

Precisamente quando, apesar de todos os enganos que já sofreram por parte de organisações falsamente revolucionárias e falsamente comunistas, milhares de operários e camponeses se mostram dispostos a aderir a uma acção política revolucionária, o que o P."C".P. descobriu, ele, o "partido de vanguarda do proletariado", foi canalisar toda essa energia para uma organisação legal e reformista, tácitamente aceite pelo Governo! (3)

Mas a resposta vem das fábricas, dos campos, das casernas e da Universidade.

Enquanto o Marcelo sorri e faz promessas, a emigração processa-se num ritmo raramente atingido: a França, Alemanha, Inglaterra, Canadá, etc., continuam a chegar milhares de camponeses que não acreditam nas "novas" teorias económicas do Governo, e milhares de jovens que não querem servir a tropa defendendo os capitais dos patrões.

Às teorias reformistas e revisionistas que nos pedem calma e paciência, respondem os operários da Lisnave, da Covina, de Unhais da Serra, etc., com a chamada à greve, respondem as greves e manifestações dos estudantes de Lisboa (onde já foram fechadas as Faculdades de Letras, Direito e Económicas), responde a agitação no curso de oficiais milicianos em Mafra.

Os operários, os camponeses, os estudantes e os intelectuais revolucionários não aceitam o actual Governo, nem acreditam na linha legalista dos democratas e do Partido "Comunista" Português e proposta pelo Movimento de Oposição Democrática.

As camadas revolucionárias devem criar urgentemenet formas organisativas novas, devem ligar-se aos núcleos "O Comunista". Esta é a única saída que nos resta: lançar as bases de uma organisação revolucionária, verdadeiramente defensora dos interesses dos explorados. Esse futuro partido vingará as injustiças que a burguesia impõe ao proletariado, e assegurará a formação de uma sociedade nova onde deixe de existir a exploração do homem pelo homem e a manutençaõ de qualquer privilégio de classe.

Criemos núcleos "O Comunista"!

Preparemos a luta violenta contra a dominação burguesa!

NOTAS

(1) - Os exemplos abundam. Indiquemos apenas Cabora Bassa, a ligação comercial e financeira entre Angola, Portuagl e Brasil, e a recente viagem de negócios do Secretário da Indústria à Alemanha Ocidental.

(2) - Estamos longe da "União Nacional" à Salazar, bloco monolítico que não permitia a discussão interna entre as várias tendências da burguesia; estamos longe também do sistema salazarista em que os velhos fascistas não percebiam que um social-democrata ou um revisionista é melhor aliado e melhor agente de contrôle da classe operária que qualquer organisação policial.

Não é segredo para ninguém que no interior da União Nacional (hoje, a "Acção Popular Nacional") se degladiam tendências contraditórias da burguesia, e que a seita social-democrata do Mário Soares vai ser legalisada.

Quanto ao Partido "Comunista" Português, continua no seu velho papel de pobre diabo, esmolando o seu reconhecimento oficial, adocicando as suas palavras de ordem, sempre cheio de vénias em relação aos democratas e aos fascistas arrependidos. Que belo aliado de campanha de liberalismo!

O que é que quer dizer a legalização da social-democracia, côr Mário Soares, e a política do P."C".P. em aceitar o jogo legalista (eleições, etc.), controlado pelo governo e pelos seus cães de fila? Tudo isto é a manobra chamada "liberalização" da burguesia para melhor amordaçar a revolta popular, tudo isto é a actualisação da sua ditadura violenta mascarada em "sorrisos e abraços" e "conversas em família".

(3) - O Movimento de Oposiçao Democrática tem tido várias reuniões, algumas delas propagadas no "Avante". Não é preciso ser muito esperto e sabido para perceber que as reuniões políticas em Portugal só se realizam quando o Governo quer, o que quer dizer quando essas reuniões não alteram em nada o estado de coisas existente.

LUTAS REVOLUCIONARIAS EM ANGOLA - A UNITA

Ao longo da luta contra o ocupante Português, três organisações se afirmaram como defensoras dos interesses das populações Angolanas: a UPA, o MPLA e a UNITA.

Enquanto existe um conhecimento mais ou menos correcto do que significam a UPA e o MPLA, pouco ou nada se sabe sobre a UNITA. Antes de darmos a palavra a um dos seus dirigentes, esclarecemos a posição de "O Comunista" perante o movimento revolucionário Angolano: a existência de três organisações não pode deixar de reflectir divergências sobre o conteúdo da revolução que se pretende fazer triunfar.

Vejamos, a traços gerais, o que elas significam:

A UPA (União dos Povos de Angola), organisação tribal dirigida por Holden Roberto, homem a soldo dos Estados Unidos, é responsável pelo atrazo da luta de libertação; na verdade, a actidade terrorista e os massacres da população branca de Março de 1961, o abandono da luta frontal contra o colonialismo, a cumplicidade com o Exército Português no exterminio dos militantes doMPLA, demonstram bem os verdadeiros objectivos dos seus dirigentes - a implantação dum neo-colonialismo ligado ao capital Americano, a chegada de um novo TSCHOMBÉ, explorador directo das massas populares Angolanas.

O MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), atacando as prisões de Luanda a 4 de Fevereiro de 1961, é o primeiro responsável pela passagem à luta armada.

Depois de uma grave crise interna (1963-1965), conseguiu últimamente atingir uma capacidade militar que o apresenta como o mais directo adversário das forças militares colonialistas.

A UNITA (União Nacional para Independência total de Angola), de formação recente - 15 de Março de 1966 em MUANGAI (Angola) -, apresenta-se como defensora duma táctica baseada nos princípios da guerra popular (politisação das massas, participação directa da população na luta armada), e defende um programa de características socialistas.

A inclusão de uma entrevista de um dirigente da UNITA no nosso jornal, não significa que demos um apoio exclusivoa este movimento, menosprezando o valor militante de MPLA; a conclusão definitiva sobre o real valor das organisações em luta, é uma questão interna que terá de ser discutida pelo movimento revolucionário Angolano, e que, aliás, a própria luta se encarregará de solucionar.

Pelo nosso lado, limitamo-nos a apresentar as declarações, indiscutivelmente progressistas, de um dirigente revolucionário, ao mesmo tempo que desejamos a criação rápida do Partido marxista-leninista e da Frente política e militar que conduzirão o colonialismo Português à derrota inevitável.

ENTREVISTA com Jorge Sangumba, da UNITA:

- Porque nasceu a Unita?

- A Unita foi a consequência natural da grande crise que o movimento revolucionário Angolano atravessou, entre 1963 e 1965. As organisações existentes eram a UPA, que se desmascarou como totalmente pró-ocidental, reaccionária e traidora dos interesses do povo Angolano, e o MPLA que não passava de um grupo de intelectuais que não participavam directamente na luta. A posição do MPLA era de tal maneira contrária aos interesses da revolução, que a organisação de Unidade Africana escolheu a UPA como verdadeira força política interessada e capaz de desenvolver a acção armada! Hoje, o papel de Holden Roberto está suficientemente claro, e os apoios terminaram, mas não há duvida que, na altura, era a única organisação com militantes no interior.

- Que caminho seguiram para formar a organisação?

- Começámos por organizar comités para educação política no meio dos refugiados Angolanos na Zâmbia; depois, dedicamo-nos, a partir de 1965, a uma grande actividade política clandestina no interior de Angola.

- Qual foi a vossa primeira acção armada?

- O nosso "baptismo" deu-se no dia 25 de Dezembro de 1966; foi o ataque a Teixeira de Sousa, tão falado pelos colonialistas portugueses.

- Qual foi o motivo dessa acção?

- O exército português queria construir um aeroporto em Teixeira de Sousa, para fazer um triangulo com Luso e Moxico; esta operação destinava-se a contrálar e destruir os focos de agitação da UNITA que tinham sido detectados. Não tinhamos outra saída. Na altura a Unita não tinha o mínimo armamento, a operação foi muito perigosa mas deu bons resultados: conseguimos eliminar um chefe da PIDE de Teixeira Pinto ,captámos armas da NATO que pertenciam ao exército, e evitámos a construção do aeroporto. A repressão sobre a população africana foi feroz: calcula-se que foram assassinados cerca de 600 pessoas.

Devido a este resultado, fomos criticados por ter"feito uma acção suicida"; quero lembrar que o ataque do MPLA às cadeias de Luanda, teve como efeito o assassinato de 3000Angolanos, e que o desencadear da insurreição por parte da UPA custou a vida a milhares de Africanos do Norte de Angola.

A repressão do colonialismo será sempre violenta, nós temos que prestar homenagem aos nossos mortos e vingá-los na luta.

- Depois dessa actividadessaram para uma actividade exclusivamente militar, ou continuaram com a politização?

- A politisação continuou e continuará sempre, pois é a garantia da nossavitória final. Para a luta que nós queremos levar a cabo, é indispensável o apoio e a colaboração das massas. Nós não nos interessamos por actividade militar esporádica e isolada; nós queremos pôr em prática a guerra do povo. E, para isso, é preciso que o povo nos aceite e perceba o que nós queremos. Em consequência , a nossa infiltração é lenta e cautelosa: trabalhamos no interior das tribus, começamos por ser só amigos e ajudamos a resolver as dificuldades que surgem na vida do dia a dia. Depois da afeição vem a politisação. O caminho, a seguir, é simples: com o núcleo criado, passa-se mais tarde para a organisação do Comité político, que é a base do trabalho político da UNITA.

- Essa actividade é longa e difícil?

- Sim, o trabalho é extrêmamente difícil. A população é composta única e exclusivamente por camponeses que não estão dispostos a abandonar a terra e as comodidades que possuem em troca de uma existência instável e perigosa como a do guerrilheiro. Dadas as dificuldades existentes, a politisação só é realizável pelos elementos mais avançados; por isso, todo o Comité Central da Unita, incluindo Jonas Savimbi, o Presidente, exercem essa actividade. Por vezes temos muitas dificuldades com o chefe da aldeia. Mas, sejam quais forem as dificuldades, nunca o eliminamos, porque nesse caso, a população foje. Ela tem muito mais confiança nele que nos comissários políticos.

- Qual é a participação dos estudantes e intelectuais Angolanos na vossa organização?

- Para o estudante é muito fácil ser membro; para ser quadro político é muito difícil. Nós exigimos que ele se integre na luta, que ele trabalhe com as massas. Só assim poderá chegar a ser um verdadeiro quadro revolucionário, só assim ele poderá fazer uma síntese da luta, um estudo correcto das condições existentes.

- Análise concreta da situação concreta?

- Sim, nós não queremos uma organisação cheia de intelectuais "destinados"a postos de comando, afastados do sacrifício constante que nos impõe a luta de li

bertação. Os nossos quadros dirigentes são seleccionados a partir das provas que prestam, e não consoante os diplomas que possuem.

Esta posição é completamente diferente da de Holden Roberto que, em 1961, enviava camaradas estudar para os Estados Unidos, dizendo-lhes que eles seriam chefes de posto, ministros e embaixadores quando voltassem...

- A propósito: o que tens a dizer do passado do movimento revolucionário Angolano?

- O primeiro movimento em que participei foi o MPLA. Fiz parte dos militantes que assaltaram as cadeias de Luanda em 1961. A chegada da UPA entusiasmou muitos de nós porque eles tinham uma verdadeira ligação com o campesinato. O contra-ataque do colonialismo português e a falta de capacidade militante (ou a ausência de objectivos verdadeiramente revolucionários, como é o caso da UPA), acabaram por nos forçar a tentar pôr de pé uma nova organização, que acabaria por ser a Unita.

- E antes de 1961, o que existia?

- A primeira organização nacionalista Angolana foi o movimento "Vamos descobrir Angola", dirigido principalmente por Viriato da Cruz e Mário Antonio.

Havia, ao mesmo tempo, grande actividade dos missionários protestantes. Pode-se mesmo dizer que a maioria dos chefes dos actuais chefes de libertação Angolanos saíram das missões protestantes; os protestantes missionários falharam: eles queriam fazer anjos do céu e não revolucionários. Mas nós não podiamos nem podemos ser anjos do céu. A escravatura a que está sujeito o nosso povo só lhe indica um caminho: a luta armada contra o ocupante.

Voltando atrás, o MPLA foi uma consequência de um núcleo intelectual, a "Liga Nacional Africana".

A UNITA nunca passou pela fase "cultural". Começou pela mobilização de massas e passou imediatamente à luta armada.

- Para concluir, se falasses das dificuldades actuais da luta?

- Os maiores problemas que se nos deparam são os referentes às diferentes tribus e classes da população Angolana. Devido a isso, e apesar do que nós pensamos e afirmamos, é errado pensar que nós somos um movimento comunista; nós somos ainda, e fundamentalmente, uma organização nacionalista, com problemas de tribalismo, de religião, etc.. Claro que pensamos que o desenvolvimento da luta acabará por fazer chegar a organização a um ponto de convergência completamente identificado com o ideal comunista;

mas, por enquanto, é errado pensar que nós já atingimos esse ponto, ou que qualquer outra organização anti-colonial o possa atingir.

- E a questão da unidade com as outras organizações revolucionárias Angolanas, concretamente com o MPLA?

- Nós queremos fazer uma unidade na luta, na acção, e não uma unidade de para assinar papéis no estrangeiro. Estamos convencidos que a unidade se fará com toda a facilidade, se os chefes do MPLA se decidirem a entrar em Angola para lutar. Aliás, a união das forças revolucionárias é uma condição indispensável para a nossa vitória sobre o colonialismo português.

- Falas da frente política e do exército popular definido por Mao-Tsé-Toung?

- Evidentemente.

- Uma última pergunta: alguns marxistas defendem a tese da impossibilidade da revolução socialista nos povos sub-desenvolvidos, porque não existe um proletariado suficiente. Quer dizer: será necessário fazer uma revolução que acentue a industrialização da Ásia, Africa e América Latina; essas industrias criarão um novo proletariado que, por sua vez, fará uma revolução definitivamente livre da exploração burguesa. Esta tese baseia-se - segundo os seus defensores - na análise de luta de classes expressa por Marx e Engels no "Manifesto Comunista".

- Não acreditamos que seja necessário a chegada duma burguesia, como condição indispensável para que Angola chegue ao socialismo. Nós acreditamos nas massas camponesas, e nos intelectuais que a elas estejam extremamente ligados.

- Como o peixe na água?

- Sim, a ideia é sempre a mesma: ligação absoluta e total com as massas. Só assim se pode trabalhar revolucionariamente, só assim asseguremos a chegada de um regime liberto da exploração.

A mobilização total do campesinato, a integração dos intelectuais na luta, garantem a passagem imediata a uma fase socialista.

Essas teorias "intelectuais" só servem para nos desmoralizar e para nos criarem a descrença no nosso combate. Nós não vemos a necessidade do parlamento e da luta lenta e metódica; nós acreditamos na violência, na luta armada, na politização do trabalhador Angolano. Não temos outra solução.

CABORA-BASSA

A construção da barragem de Cabora-Bassa, que está prestes a iniciar-se na região de Tete (Moçambique), é um novo factor importante na guerra colonialista e imperialista levada a cabo contra os povos moçambicanos e um factor determinante na aliança racista e sanguinária das burguesias brancas portuguesas, rodesianas e sul-africanas entre si e com o imperialismo internacional.

Tentemos analisar o "fenómeno" Cabora-Bassa:

Em que consiste a barragem?

A barragem está prevista no rio Zambeze, a 120 km de Tete e aproximadamente a 200 km da Rodésia. Será a quarta maior barragem do mundo, produzindo 18 milhares de kilowatts/hora, e custará 350 milhões de dólares (cerca de 10 milhões e quinhentos mil contos).

Onde vai o governo de Caetano buscar tanto dinheiro? Dez milhões e meio de contos é uma soma fabulosa para não importa que governo!

A solução é simples para Caetano: passar a mão a empresas capitalistas estrangeiras em troca de alguns interesses que se resumem à um apoio para a burguesia nacional e para a política colonialista de Caetano por parte do imperialismo internacional. Assim, reuniram-se para a construção e exploração da barragem as seguintes sociedades capitalistas: a ZAMCO (grupo internacional com sede em Paris: reúne capitais da África do Sul, da Alemanha Federal, da França, de Portugal - CUF - e da Suécia); a CABORA BASSA CONSTRUCTION CONSORTIUM (grupo inglês e suíço com sede em Londres); e a CABORA BASSA BUILDERS (capitais americanos, franceses, africanos-do-sul, italianos, suíços e portugueses - Moniz de Almeida), com sede em Paris.

Quais são as consequências económicas e políticas da construção da barragem de Cabora Bassa?

Por um lado corresponderá a um maior reforço da dominação económica branca na África Austral, pelo eixo Portugal-Rodésia-África do Sul (a união dos três governos racistas denomina-se A.S.P.R.O.) e sobretudo na base da implantação de 1 milhão de novos colonos brancos na zona da barragem; por outro lado corresponderá ainda a um maior reforço dos interesses capitalistas internacionais nas colónias portuguesas, a uma maior exploração colonialista e racista dos povos africanos, e daí a uma maior repressão da sua luta de libertação.

A posição da FRELIMO é de atacar Cabora-Bassa impedindo a sua construção.

A questão é pois esta: o ataque a Cabora Bassa é um ponto de combate hoje fundamental na luta de libertação dos povos africanos. Os povos africanos em luta e a FRELIMO são os aliados primeiros das lutas revolucionárias em Portugal.

A luta de classes em Portugal passa por Cabora Bassa.

Apoiemos os povos africanos e a FRELIMO!

NOTA - A maioria do milhão de brancos prevista para a zona da barragem será, evidentemente, portuguesa. Os agentes do imperialismo estão neste momento recrutando sôfregamente em Portugal e na emigração a escravatura branca indispensável à sua realisação deste plano. Oferecem 8 a 10 contos por mês e pagam as viagens. Porquê esta "generosidade"? Não tenhamos dúvidas: os patrões estão dispostos a pagar bem porque vão utilisar os trabalhadores como muro de defesa das suas propriedades contra os guerrilheiros moçambicanos que lutam pela sua independência.

Trabalho + morte = 10 contos

LUTAS OPERÁRIAS

18 JAN. 1934

A tradicional oposição portuguesa, enfeudada no reformismo, escolheu sempre os 5 de Outubro ou os 31 de Janeiro para comemorar as datas revolucionárias, para proferir elegias fúnebres aos seus heróis.

São conhecidas por todos nós as romarias aos cemitérios, os banquetes tradicionais com os respectivos discursos mais do que tradicionais. Todas estas actividades mostram bem, no estilo e no significado festivo, o carácter de classe que defendem: o 31 de Janeiro como o 5 de Outubro são as datas que marcam as etapas da burguesia na conquista do poder. O afrontamento falhado e mais tarde a tomada do poder pela burguesia, em 1910, são momentos históricos importantes no desenvolvimento do capitalismo, e consequentemente só exprimem a vitória da burguesia.

Se já na altura da tomada do poder pela burguesia, esta pretendia dar a entender que a luta de classe que levava a cabo era a luta do povo, também, ainda hoje, essa burguesia liberal, nostálgica do poder, pretende que a luta da oposição portuguesa é uma luta unitária. Pretende assim a burguesia liberal retomar o poder que lhe foi retirado pela ditadura da burguesia.

A burguesia liberal — que apenas manifesta ligeiras contradições com o poder da ditadura, pretende passar por principal vítima do regime, acaparando-se assim da direcção da "oposição". Transferindo a luta de classes que opõe duma forma antagónica o capital ao trabalho para uma luta de fracções "oposição-situação" a burguesia deseja camuflar o verdadeiro carácter da revolução.

Esta estratégia subtil da burguesia conseguiu impôr-se, desde há largos anos, como dominante, mesmo na direcção do movimento operário. Assim, assistimos desde longa data a uma política de unidade e de levantamento nacional, como se o carácter de classe estivesse ausente da luta do povo português contra a burguesia no poder. Negando o carácter de classe da revolução a encetar, apagando o carácter de classe do poder estabelecido, pretendia a linha reformista fazer crer ao movimento operário que a luta era nacional (inter-classes) e que o inimigo consistia apenas num minúsculo grupo de usurpadores dirigidos por um fanático, Salazar, espécie de divindade demoníaca que tudo controlava.

A realidade é porém outra. A ditadura em Portugal é uma ditadura de classe. O poder expresso por Salazar, e agora por Caetano, é a política dos monopólios, da burguesia colonialista e dos múltiplos interesses imperialistas. As contradições entre as fracções da burguesia são contradições sobre as diferentes maneiras de explorar os trabalhadores em Portugal e nas colónias.

.....

Em Portugal, apesar do reformismo de longa data que se apoderou dos dirigentes da classe operária, o movimento revolucionário exprimiu algumas vezes o desejo de uma linha revolucionária independente, que será a luta contra o capital para a emancipação socialista da classe operária.

O 18 de Janeiro de 1934 é um dos momentos da História do movimento operário que merece ser conhecido e que exprime, apesar dos seus erros, o desejo profundo dos trabalhadores de recusarem a tutela dos reformistas para se lançarem na violência revolucionária, emancipando-se com as suas próprias forças da dominação capitalista.

Vamos relatar estes acontecimentos pelas palavras dum militante que viu e viveu esses momentos mais altos da luta da classe operária em Portugal.

.....

Plano e acção do
Comité dirigente do Movimento

O Partido nomeou um Comité para preparar e dirigir o movimento debaixo da seguinte orientação: - Para que os operários pudessem alcançar a satisfação das suas aspirações precisavam de se apoderar das armas que estavam na posse duma força da GNR comandada por um sargento, a fim de não serem espingardeados e de as poderem utilizar em auxílio do movimento que esperavam fosse desencadeado à escala nacional. Partindo-se destas necessidades, o referido Comité começou, dias antes do 18 de Janeiro, a trabalhar com vista à recolha de armas caçadeiras, revólveres e pistolas; trabalhou no sentido de carregar cartuchos (com carga especial) e arranjar munições para as restantes armas. Por outro lado recrutou operários para as brigadas de ataque ao posto da GNR, ao posto dos correios e outros para formarem as brigadas de derrubamento de árvores com o fim de se obstruir as estradas e impedir a passagem dos comboios e das forças repressivas de Leiria. A todas estas brigadas foram fornecidas as instruções indispensáveis ao manejo e utilização das armas e ao cumprimento da sua missão. Toda esta acção organisadora e dirigente do movimento teve à cabeça o camarada Manuel Esteves de Carvalho (o Manecas), que mesmo tuberculoso em último grau e imobilizado na sua cama deu belas provas de firmeza e acção revolucionária.

Na noite de 17 para 18 de Janeiro, por volta das 3 horas, e segundo o plano estabelecido (num barracão junto à casa dum camarada operário, em Casal Galego) fez-se a concentração dos operários componentes das brigadas e muitos outros, assim como das armas, munições e ferramentas necessárias ao cumprimento do plano. Daqui, sob a direcção dum responsável (que levava uma braçadeira encarnada no braço), saíram 5 brigadas, de 5 operários cada, para o assalto ao posto da GNR, dirigida por António Guerra, para o assalto ao edifício dos Correios, 2 para a interrupção da via férrea e várias outras para cortar as árvores que obstruiam as estradas que ligam a Marinha Grande a Leiria, Pataias e Vieira de Leiria. Outras brigadas saíram igualmente para cortar as linhas telefónicas. No assalto ao posto da GNR as brigadas eram abastecidas de munições por jovens operários nomeados para essa tarefa.

Deste modo, e tal como tinha sido determinado, à uma hora da noite, quando toda a vila estava no mais completo silêncio e a seguir a um tiro disparado, todas as brigadas começaram a actuar. Viveram-se, a partir desse momento, horas de emoção que não nos é possível descrever com o realismo, intensidade e alegria que as caracterizaram Pode-se dizer que essa noite foi para os membros do Partido e outros operários o seu primeiro baptismo de fogo, até porque se aguardava a resistência e o fogo da GNR. Pela primeira vez os operários se sentiam donos dos seus destinos, senhores da terra que criaram e tinha sido seu berço.

As brigadas de assalto que cercaram por completo o posto da GNR situado no centro da terra (uma de frente, colocada no terraço da associação dos bombeiros, com armas e bombas na mão; uma a cada topo da rua que passava defronte do posto e duas pela rectaguarda) e as brigadas que assaltaram o posto dos Correios agiram tão simultâneamente e com um fogo tão cerrado que tanto os guardas como as pessoas da terra pensavam ter rebentado uma verdadeira revolução em que predominavam as metralhadoras e bombas de muito maior potência. A GNR foi de tal modo surpreendida e batida por todos os lados que não teve ânimo para esboçar a mais ligeira resistência, pelo que não deu sequer um tiro. Na GNR não acreditavam de início que fossem os operários quem os tinha assim imobilizado. Nos Correios fácil foi penetrar e tomar conta da rede de ligações. O chefe Manuel Leal, conhecido pelo ódio que tinha ao operariado, não teve mais remédio que pôr-se ao serviço deste e ensinar à brigada o modo de proceder para se estabelecer e manter a ligação permanente pelo telefone com o comandante da GNR. (...) Passado pouco os Correios estavam tomados, a linha férrea obstruída em dois pontos, do lado de Leiria antes de chegar à estação e do outro lado entre a estação e o apeadeiro de Pataias; as linhas telefónicas cortadas e as estradas cobertas de obstáculos impedindo a passagem de tropas ou de qualquer veículo. (...)

Após o tiroteio, a guarda rendeu-se.

Imediatamente os operários apoderaram-se das armas e das munições e com elas foram formadas novas brigadas para reforçar a defesa das estradas da vila. Após a tomada do posto e das armas a alegria foi indiscritível da parte dos operários que desempenharam esta missão, dos outros que já tinham regressado, assim como pela parte das dezenas e dezenas de outros que se tinham juntado no centro da vila, próximo do posto e da Câmara Municipal.

Os vivas repetiam-se e os seus ecos atroavam como em dias de grande festa popular. Deram-se vivas à classe operária, ao povo, à Marinha Grande, aos trabalhadores que por todo o país estavam lutando e cumprindo também a sua honrosa missão. Deram-se vivas ao Sindicato, ao Partido Comunista Português, à URSSS e à Internacional Comunista. Misturados com "morras" e "abaixo o governo e a polícia" gritava-se "Vamos abrir o Sindicato! Corramos todos para o nosso Sindicato! Vamos nomear o Soviet! Vamos organisar a recolha de abastecimentos para distribuir! Reforcemos a defesa da nossa terra!"

Ali estava reunida boa parte da família vidreira na esperança de que desde então tudo ia melhorar para os trabalhadores. Por isso há vivas, há abraços e lágrimas nos olhos. Estas lágrimas não são de sofrimento, não são as de dor resultantes da exploração e dos atropelos. São lágrimas de alegria já.

E assim batem as 7 horas da manhã, começando os carreiros de operários para a vila em direcção às fábricas, e tudo corre, tudo corre a abrir o Sindicato.

O Sindicato estava aberto, os pontos estratégicos estavam tomados. O Comité estava reunido e dispunha-se a tomar as resoluções correspondentes à nova situação, quan do soaram as primeiras rajadas de metralhadoras das forças repressivas vindas de Leiria. Que vinha contra o glorioso punhado de operários, contra a família vidreira? Vinha a Infantaria 7, a Artilharia 4, a PSP, GNR e a Polícia de Informação. O camarada Manuel Jubileu foi ferido por uma rajada de metralhadora e transferido em braços para o posto de socorros dos Bombeiros onde recebeu os primeiros tratamentos, pelo médico da terra.

À força armada e ao terror que logo começou a campear, não foi possível opôr qualquer resistência. Os operários abandonaram a vila refugiando-se em suas casas e nos pinhais na esperança ainda de voltarem à luta. Os operários armados não largaram as armas, tendo-se verificado as mais variadas provas de iniciativa e de audácia no sentido de os defender e não os deixar cair de novo nas mãos da força pública?

.....

Lições e conclusões

Os erros do 18 de Janeiro são devidos, fundamentalmente, à inexistência de focos insurreccionais noutros pontos do país, o que os operários da Marinha Grande esperavam que sucedesse, e que o Partido Comunista tinha organisado. As falhas do movimento nacional projectado, não podem ser devidas senão a erros de análise das forças subjectivas e objectivas do Portugal de 1934.

Apesar de tudo, o exemplo fica: os operários pegaram em armas e conquistaram o poder, destruindo o mito de invencibilidade da Guarda Republicana, da Pide, do Governo, dos patrões.

Esta é a lição fundamental a tirar para a nossa luta. O proletariado pode vencer a batalha contra a burguesia, e o caminho é o da violência: a vitória surge com a luta armada.

Luta revolucionária que não esteja enquadrada por um partido revolucionário (o que quer dizer uma organisação clandestina que defende os interesses da classe e não cede diante das manigâncias burguesas), partido esse intransigente na defesa dos princípios marxistas-leninistas, não pode deixar de ser uma luta que será vencida a curto prazo e que não conduzirá à vitória das classes trabalhadoras.

TRABALHADORES PORTUGUESES, CAMARADAS DE LUTA INCANSÁVEIS CONTRA A BURGUESIA, ABANDONEMOS OS PROCESSOS DE LUTA REFORMISTAS, ORGANISEMO-NOS NUM PARTIDO COMUNISTA REVOLUCIONÁRIO, PARA TRIUNFAR NA LUTA ARMADA CONTRA O REGIME EXPLORADOR DOS PATRÕES.

Viva a Revolução Popular!

O COMUNISTA

CORRESPONDENCIA DOS

Com o alargamento dos núcleos "O Comunista", um problema novo apareceu à organisação: como assegurar a verdadeira participação de todos os militantes na acção comum, como garantir que a nossa linha política é aceite e executada, como assegurar o centralismo democrático?

A responsabilisação de alguns camaradas como quadros dirigentes e intermédios, conseguirá resolver grande parte dessas questões. Mas, para assegurar maior discussão interna, a "correspondência dos núcleos" passará a ser publicada e comentada em todos os números do Jornal. Esperamos que, deste modo, apareçam as contradições inerentes a qualquer organisação, que se contribua para o desmascaramento de eventuais tendências pequeno-burguesas (que tanto podem ser liberais como dogmáticas).

O resultado desta polémica interna será o reforço da nossa coesão e unidade, condição essencial para a acção revolucionária a que nos propomos.

Sobre os sindicatos - carta de um trabalhador:

"Eu como operário anti-fascista e anti-imperialista, já venho há muitos anos criticando o sistema do sindicato no nosso Portugal. Como todos os operários sabem bem o sindicato no nosso país é do Governo, e tem lá dentro os agentes da PIDE.

Mas na verdade nunca pensei que o velho P.C.P., que se diz ser do proletariado, fôsse capaz de fazer tanta chamada aos trabalhadores para o sindicato fascista. Só se eu estivesse maluco, ou os meus camaradas de trabalho, sabendo nós quem são as pessoas que nos atendem.

Quando saímos da fábrica e vamos, à noite fazer uma pequena reunião, sabemos bem quem são os BUFOS que nos espreitam no trabalho, comprados por uma miséria de escudos pagos pelos chefes da Pide ou pela Câmara, e está claro, às costas dos patrões. Há quem diga que Lenine também chamava os revolucionários (soviéticos) para os sindicatos fascistas. Vamos ver o que ele diz, num pouco da sua escrita?

> "Os sindicatos são uma forma inferior de organização do proletariado e énesse sentido que todos eles têm um certo carácter reaccionário" - Lenine considera todos os sindicatos, mesmo sob o regime soviético, como "uma forma de organização elementar, inferior, a mais simples e a mais acessivel para os que estão ainda profundamente imbuidos dos preconceitos democráticos burgueses". Lenine sublinha que todos os sindicatos têm certos traços reaccionários: "uma certa estreiteza corporativa, uma certa tendencia para o apoliticismo, um certo espírito de rotina, etc".

O sistema de luta sindical utilizada pelo velho P.C.P. já vai para 42 anos. Está mais que visto por todos os operários portugueses, que só com este sistema de luta é meter os bons militantes nas cadeias; pois, mesmo assim, o velho P.C.P. com direcção do Sr.Alvaro Cunhal continua a chamar os trabalhadores ao sindicato fascista e continua a deixá-los de mãos a abanar!

O que é que esse jornal "Avante" me ensinou quando trabalhava para o velho PCP de A.Cunhal? E quem diz eu, diz todos os camaradas de trabalho, pois quando lhes dava ou vendia um jornal, diziam-me: isto trás sempre a mesma conversa, já aborrece e até cheira mal, etc.

Pois é verdade, camaradas! Tive que me convencer que não é com esta linha do velho PCP de A.Cunhal que os trabalhadores portugueses chegarão à vitória, porque é um partido que tem compromissos com os grandes burgueses do nosso país. É mesmo de dizer se não têm vergonha de ser tão revisionistas, tão tachistas, tão oportunistas e gostarem tanto dos doutorados. Está mais que visto que não é um partido correcto para nós trabalhadores, e assim teremos que formar um grande partido marxista-leninista revolucionário.

Como vou eu responder a este velho partido reformista?

Na verdade sou sindicalizado, mas porque sou obrigado. Nem eu nem os meus camaradas de trabalho e de luta somos sindicalizados porque queremos.

E ainda vou responder a mais uma dúzia de reformistas, porque eles não têm conhecimento do trabalho.

Porque é que a nós, motoristas de camião que trabalhamos pela estrada fora, a polícia de viação e trânsito nos manda parar e pede imediatamente a carta do sindicato para ver se está em dia? E se não estiver em dia, dá-nos um aviso para pagar o dobro para a próxima?

Como todos os operários sabem, especialmente o "chauffeur", quando entra numa empresa, por exemplo Boa Viagem, Capristanos, Beira Rio e João Candido Belo, fica logo controlado pelo sindicato fascista!

Mas ainda há outro problema mais importante que eu vou contar, porque o velho PCP de A.Cunhal não dá por isso:

Quando um motorista vai pedir trabalho a qualquer empresa, por exemplo fábricas como a CUF e a Siderurgia Nacional, ele é obrigado a deixar lá as suas fotografias e espera 5,7 meses e Um ano ou nunca mais é chamado. E, é claro, onde é que a empresa vai saber a sua qualidade de homem? É no sindicato fascista. E é neste sindicato que o velho PCP de A.Cunhal apela para os trabalhadores se inscreverem!

Não, Sr.A.Cunhal, os operários mais esclarecidos não vão atrás de palavras doutoradas de grande revisionismo. E eu como operário digo que é preciso é isolar e aniquilar os "sindicatos" fascistas. Isso é uma tarefa revolucionária dos trabalhadores.

A recente acção dos operárioa da LISNAVE veio dar nova actualidade a uma questão que, ainda hoje, após 42anos de ditadura fascista, se encontra confusa por diversas demagogias.

A luta operária juntos dos sindicatos nacionais há muitos anos que não conhece verdadeiros êxitos, o que não admira.

"Dizer que nesta luta, a classe operária tem estado entregue à sua própria intuição, é só uma parte da verdade; porque, na actuação contra os sindicatos nacionais fascistas, o proletariado vem sendo obrigado desde há mais de 26 anos a lutar contra o inimigo fascista e a resistir ao mesmo tempo à linha reformista ta de A.Cunhal que tenta amarrar o impulso da sua luta, com argumentos pretenciosamente "leninistas" .(R.P. nº 6)

É uma conclusão incostestável para todos que estudam a luta operária anti-fascista nas últimas décadas.

Portanto, prezados camaradas de trabalho e de luta anti-fascista e anti-imperialista, torna-se necessário saber a escola reformista de trabalho sindical e elaborar uma linha realmente revolucionária, que tome em conta as experiências acumuladas pelo proletariado e que sirva os interesses superiores da luta pelo socialismo e da luta popular anti-fascista."

COMENTARIO

O artigo deste camarada testemunha bem a posição de desconfiança que o proletariado sempre tomou em relação às ordens do P."C."P., de infiltração nos Sindicatos Nacionais.

Há, no entanto, um ponto onde a crítica do camarada é vulnerável pois só cita Lénine quando este desenha o sindicalismo como uma organisação inferior da classe. Ora é facílimo para o P."C."P. citar Lenine, onde ele propõe ao proletariado a infiltração em sindicatos reaccionários.

O que há a descobrir são as deformações que o P."C."P. introduziu nessa linha táctica.

Lénine indicava o caminho de infiltração como um processo de arrancar as massas à influência dos sindicatos dominados pela burguesia; o "Militante" e o "Avante" falsificam essa palavra de ordem desde 1940, não explicando como se justifica a chamada dos trabalhadores para dentro de sindicatos que não representam a massa trabalhadora, são desprezados pela classe operária, e são denunciados como agentes de repressão dentro da classe.

A posição revolucionária não poderá ser senão a desmistificação dos sindicatos governamentais, e a organisação independente dos trabalhadores em comissões operárias e comissões de camponeses que exerçam uma prática revolucionária nos locais de trabalho (a recente gréve da Lisnave é a prova, por um lado, da maturidade e da energia da classe operária, por outro, da necessidade urgente de uma organisação revolucionária que não traia, como os revisionistas, os interesses da classe, e que assegure que as lutas operárias se transformarão em vitórias.

NUCLEOS CORRESPONDENCIA

SOBRE A PUBLICAÇÃO DE FÓRMULAS

Nos números 1 e 2 de "O Comunista" foram publicadas duas fórmulas de explosivos: coqueteile Molotov e bola de ping-pong.

Isso provocou uma grande agitação e indignação de parte de algumas "personalidades" de esquerda. Alguns meses se passaram e, recentemente, eis que os protestos renascem.

Tentemos analisar o que se passa e qual a razão de ser da indignação dos homens da "ideologia pura".

A acusação que nos é feita anda à volta do seguinte: nós somos anarquistas porque publicamos fórmulas no jornal, acreditando assim na espontaneidade das massas, e além disso, na medida em que o jornal pode ser lido não importa por quem, nós damos o conhecimento dessas fórmulas também aos inimigos do povo; o que quer dizer que a nossa acção é contra-revolucionária apesar de ter uma aparência exterior progressista.

Vejamos: a publicação das fórmulas do coqueteile Molotov e da bola de ping-pong não tinha o objectivo de apelar para a acção directa das massas. Antecedendo a publicação da fórmula do coqueteile Molotov, no nº 1, diz-se o seguinte:

"No nosso país ainda não existem as condições subjectivas necessárias ao desenvolvimento da luta armada. Para atingirmos esta étapa decisiva, necessitamos de organizar a vanguarda da classe operária. É preciso que a nossa linha política seja aceite e esteja enquadrada nas grandes massas trabalhadoras. Serão essas as condiçoes subjectivas que nos faltam hoje para o desencadeamento duma acçao armada vitoriosa. Julgamos, no entanto, que podem acontecer em Portugal situações de tipo revolucionario. Serão consequencia natural da crise interna do regime de Marcelo Caetano, melhor, da crise geral do capitalismo. Se as massas descerem à rua, e lutarem, precisam de armas eficazes para se defenderem da repressão. Por isso, pomos à disposiçao dos militantes as fórmulas do "cocktail Molotov", arma importantissima da guerrilha urbana."

Parece que o texto é claro e de fácil leitura; no entanto, expliquemo-nos melhor, para tirar dúvidas aos "amigos do povo": nós pensamos que a luta armada só será eficaz quando a classe operária estiver enquadrada por um partido.

Como não existe esse partido, não se pode apelar para a luta armada; mas acontece que as massas trabalhadoras poderão lutar espontâneamente. Nesse caso, é nossa responsabilidade pôr-lhes à disposição armas de defesa contra a repressão. Isto quanto à nossa impureza ideológica, tingida de espontaneidade e de anarquismo.

Passemos ao outro tema: estas fórmulas são postas à disposição dos "inimigos do povo".

Que nós saibamos, nunca os inimigos do povo (burguesia, polícias, reformistas, revisionistas e falsos revolucionários) precisaram de ler "O Comunista" para saberem como se faz um coqueteil Molotov. Mais: os inimigos do povo nunca atacam as massas trabalhadoras com coqueteiles Molotov ou com bolas de ping-pong; eles preferem as metralhadoras, as pistolas e as granadas. E porquê? Precisamente porque essas fórmulas que publicámos servem para armas de defesa e só são utilisáveis numa fase primária da luta violenta; elas não são armas de ataque, ninguém morre por causa dum coqueteile Molotov (a prova está na luta urbana em Itália, França, etc., onde os milhares de coqueteiles Molotov só tinham como resultado prático o permitir a retirada dos militantes).

Concluindo, pedimos aos nossos camaradas que discutam este assunto e que nos informem sobre as dúvidas que podem continuar a ter. Quanto aos "amigos do povo" que se afligem por nós termos publicado fórmulas de defesa das massas trabalhadoras, o que podemos dizer é que estávamos habituados a ver esse receio e indignação por parte da polícia e da Pide... Enfim!, esses ataques parecem provar que o nosso alargamento começa a incomodar muita gente. Acabamos sugerindo aos "amigos do povo" que exerçam uma prática política correspondente à sua pureza ideológica.

E se perderem "freguesia" não se admirem: quem tem unhas é que toca viola.

* * *

Em contradição aberta com a posição dos "puros amigos do povo", está outra defendida por camaradas que pedem que continuemos a publicar fórmulas explosivas de construção artesanal.

Se a publicação do Cocktail Molotov e de Bola de ping-pong aparece correcta, já as publicações de fórmulas mais violentas parece errada. Vejamos porquê:

Se nós publicamos fórmulas de granadas e outros explosivos, a polícia pode perfeitamente montar uma acção provocatória, atribuíndo-nos a sua origem. Os efeitos dessa operação policial seriam desprestigiar a nossa organisação, afixando-lhe um dístico de irresponsabilidade e aventureirismo.

Eis as razões porque não é possivel continuar a publicação de fórmulas.

Em "TEXTOS MARXISTAS":

"O papel do trabalho na transformação do macaco em homem";ENGELS;
"A nossa estratégia da guerrilha"-H.V.TIEN
"Manifesto do Partido Comunista"-K.MARX
"Socialismo e Religião"-LENINE
"As três origens-as três partes que constituem o marxismo"-LENINE
"Democracia burguesa e ditadura do proletariado"-LENINE

A saír:
"Crítica ao programa de Gotha"-K.MARX
"Estado e Revolução"-LENINE
"Principios elementares de filosofia"
"Que fazer?"-LENINE -POLITZER
"Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica Alemã"-ENGELS

Entre as pérolas que se descobrem a cada passo na imprensa revisionista, são de realçar os apelos a manifestações que celebrem datas célebres da nossa história.
Mas asdatas importantes para o P."C."P., não são o 18 de Janeiro de 1934, e outros momentos da nossa história em que o proletariado se opôs violentamente ao poder da burguesia.
E já não nos falam só do 5 de Outubro e do 31 de Janeiro...agora até já peddem que celebremos o dia 1 de Dezembro de 1640! ("Avante" de Novembro de 1969). Ainda vamo s ver o D.João IV e a Casa de Bragança como representantes dos interesses do povo...

CAMARADA:

Informa-nos da situação do teu lugar de trabalho, do montante do teu salário, das tuas perspectivas revolucionárias.

Organisa círculos de distribuição de "O COMUNISTA".

Elabora artigos e críticas ao jornal.

Grandes dificuldades materiais têm-nos impedido de assegurar uma saída mais regular do jornal.
Esperamos, no entanto, que a partir do próximo número, "O COMUNISTA" terá uma saída mensal.
Começaremos em breve a publicação de "dossiers" especializados sobre Portugal e Colónias, denunciando os compromissos internacionais a que está ligada a nossa burguesia.
Sairão em breve novas traduções de clássicos da teoria e da prática revolucionária.

Célula de Imprensa

DOS NUCLEOS

Nos ultimos tempos tem-se assistido a grande actividade anti-colonial:comunicados clandestinos,inscrições,conferencias,tudo isto coroado por uma manifestação pública no dia 21 de Fevereiro.
Toda esta actividade enferma de um defeito que é urgentíssimo combater:a sua exclusividade nos meios intelectais e estudantis.
A continuidade,o valor e a força desta contestação dependem da ligação que for feita com as massas trabalhadoras.
Há,no entanto,algo de novo na luta anti-colonial que actualmente se verifica. Pela primeira vêz(embora ainda de uma maneira incipiente),os manifestantes se opuzeram à violência repressiva corajosamente;o resultado foram os inevitá - veis espancamentos e barbaridades repressivas.
Nós compreendemos a lição:as manifestações pacificas são impossíveis, é a altura de opôr a violencia revolucio - nária à violencia da burguesia.
Propomos a leitura atenta do texto que se segue:é suficientemente elucidativo sobre os motivos do passado pacifista da luta anti-colonial,e aponta-nos os responsáveis poer esse passado vergo - nhoso:como sempre,os reformistas e os falsos revolucionários,gente conhecida em Portugal pelos nomes de Frente Pa - trótica de libertação Nacional,Partido Comunista Português,Acção Socialista...

"As estruturas arcaicas dum capitalismo primitivo e de envergadura nacional, a que o fascismo de Salazar obrigava a seguir a cartilha medieval de desenvolvimento, cortaram, ao tempo, todas as possibilidades de solução neo-colonialista para as colónias portiguesas. A criação dos movimentos de libertação de Angola (M.P.L.A.), da Guiné (PAIGC) e de Moçambique (FRELIMO) inaugurou a fase de libertação nacional na Africa Negra e abriu perspectivas novas à classe operária portuguesa na luta contra o fascismo. Os povos de Angola,Guiné e Moçambique tornaram-se, com o desencadeamento das lutas de libertação nacional, or principais aliados do povo português.

No entanto, a secção da Internacional Revisionista que funciona no nosso país nada soube fazer, ou nada quis fazer, para aproveitar as condições objectivas que consistiram na abetura concreta, em África, de três frentes anti-fascistas e anti-imperialistas.

De todas as idiotices dimanadas como palavras de ordem dos Estados maiores revisionistas, podemos salientar a do famoso envio de militantes para as colónias, de farda vestida, para combaterem o fascismo no próprio teatro de guerra. Copiava-se, assim, o ponto de vista do socialismo da Flandres, e pretendia-se com essas medidas obstar e combater a guerra do ponto de vista anti-fascista.

Como quem muda de camisa, a seguir a cada reunião do C.C., or revisionistas aperceberam-se do fracasso de tais iniciativas lançadas ao acaso e deixaram de dizer aos seus militantes que se devia ir para África. No entretanto, nenhuma nova táctica tendente a uma actividade revolucionária do PCP foi elaborada para responder às ingentes necessidades da luta no sector das forças armadas. Os resultados de tal linha e direcção revisionistas podem observar-se na incontrolada onda de jovens refractários e desertores que procuram longe de Portugal um refúgio que não seria imperiosamente necessário se os dirigentes ditos comunistas do Partido concentrassem as suas inquietações no problema fundamental do enquadramento e da organização política destes jovens.

A expontaneidade despolitizada com que a maioria dos desertores e refractários age basta à secção revisionista portuguesa para gritar, aqui e ali onde os queiram ouvir, os "14.000 refractários de 1967". Impotentes para transformar os milhares de refractários em centenas de revolucionários, limitam-se às citações estatísticas na ingénua esperança de que se veja na condenação da guerra pela juventude o produto do seu trabalho.

O problema da guerra colonial tem sido, na verdade, um dos temas favoritos do revisionismo. Mas a balofa gritaria que tem feito, os métodos infantis e vazios que tem aplicado, a linguagem cansade e estereotipada que tem utilizado não puderam esconder, ao longo dos anos em que o fascismo se debate com problemas militares em África, o seu intento primacial e único que é o de viverem à sombra de uma popularidade política cujos únicos obreiros são os movimentos de libertação das colónias portuguesas.

A guerra colonial tornou mais conhecido Portugal e aos dirigentes revisionistas do Partido Português não escapeu esta nova situação. Não para organizar o Partido nas forças armadas num dos momentos mais fáceis de sempre; não para concentar parte importante da sua actividade ao aspecto crucial representado pela guerra; não para organizar a sabotagem da guerra e dos meios para a continuar, mas, sim, para atarefar em cómodas e improdutivas missões os seus delegados no estrangeiro que vomitam imprecações anti-fascistas e anti-colonialistas como máquinas incansáveis em circuito fechado.

A guerra colonial, sustentada palo fascismo para oprimir os povos das colónias, é condenada pelas forças revolucionárias do mundo inteiro. Ao revisionismo português é-lhe facilitada (pela internacional revisionista da mesma natureza) a presença nas reuniões internacionais onde a sua demagogia verbal cobre muito mal a linha fanada e desvirilizada que pretende fazer aceitar à classe trabalhadora.

É à classe trabalhadora do nosso país que compete desmascarar 8 anos de vistas curtas, de demagogia, de incompetência, de astenia revolucionária em relação ao problema da guerra colonial.

O combate à guerra colonial terá que ser encarado frontalmente e sem rodeios. A solidariedade e a cooperação militante com os povos das colónias terá que passar por todas as fases, inclusivé, e principalmente, pela fase violenta de sabotagem aos meios de que o fascismo se serve para fazer esta guerra. Só assim nos podemos considerar revolucionários em relação à situação interior do nosso país e internacionalistas para com os povos que combatem o mesmo poder que nós em Angola Guiné e Moçambique."

Segundo o Marcelo diz,a questão colonial é o principal problema do nosso país;tambem estamos convencidos disso.Julgamos mesmo que a luta anti-colonial põe o dedo na ferida do actual Governo,e impede-o(se essa luta for bem conduzida),de entrar no liberalismo aberto,factor de desmobilisação revolucionária.Dada a nossa posiçãode ataque directo contra a burguesia,publicamos este cartaz contra a guerra colonial.

CAMARADA: PARA QUE A NOSSA LUTA SE FORTALEÇA NECESSITAMOS DE UMA IMPRENSA:PARTICIPA NA CONTRIBUIÇÃO QUE ESTÁ A SER ORGANIZADA PELOS NOSSOS NÚCLEOS.

Afixa este cartaz por toda a parte!
Divulga-o!
Faz novas edições,utilisando a formula de serigrafia que foi publicada no nº1 de "O COMUNISTA"!
Célula de Agitação e Propaganda

NÃO À GUERRA!

INDEPENDENCIA PARA OS POVOS DAS COLONIAS

NUCLEOS "O COMUNISTA"